

## AS PAISAGENS DE FÉRIAS EM LAGO MERÍN (URUGUAI): OLHARES E PRÁTICAS

Lago Merín's vacationscapes (Uruguay): gazes and practices

Los paisajes vacacionales de Lago Merín (Uruguay): miradas y prácticas

Jaciel Gustavo Kunz\*

Versão online publicada em 23/03/2022 (<http://seer.ufrgs.br/paraonde>).

Como citar esse artigo: KUNZ, J. G. As paisagens de férias em Lago Merín (Uruguai): olhares e práticas. **Para Onde!? Edição Especial - Geografia(s) do Turismo**, v. 16, n. 02, p. 266-290, 2022.

---

### Resumo:

A Lagoa Mirim é a maior de seu gênero no Brasil e no Uruguai. Contudo, segue pouco estudada na sua função turístico-recreativa, bem como no que tange a percepções e representações de sua paisagem por turistas/lazeiristas. Lago Merín, no nordeste uruguaio, é um dos sítios de encontro com essa Lagoa, e se constitui como uma versão turística particular do todo da paisagem lacustre estudada. Desse modo, a pergunta norteadora foi: Como os sujeitos interpelam as paisagens lacustres de Lago Merín em suas temporadas de veraneio? Como objetivos específicos, interpôs-se: i) caracterizar o sítio "Lago Merín" a partir de trajetórias de (des)encontro de turistas/lazeiristas com a Lagoa Mirim; ii) investigar o tipo de olhar turístico evocado na mirada a suas paisagens; iii) identificar as práticas turístico-recreativas que comumente ocorrem no sítio pesquisado, durante o veraneio. Para tal, assume-se o método da Complexidade em Morin (2015). Os dados multifocais foram coletados por meio de documentos (oficiais, comentários no Trip Advisor e fotografias do Instagram) e pesquisa de campo (entrevistas semiestruturadas e observação direta). Os dados passaram por análise qualitativa de conteúdo. Foi possível evidenciar a trajetória socio-histórica de formação do Balneário. O olhar turístico coletivo parece predominar. As práticas observadas são mais vastas que as enunciadas. Une-se, pois, a perspectiva das paisagens de férias (LÖFGREN, 1999) com o olhar coletivo dos turistas (URRY, 1999b), o que se dá por meio de práticas contingentes, embora ainda conformistas, para além das materialidades. Ao final, apontam-se limitações da pesquisa, bem como rumos para futuras agendas.

**Palavras-chave:** Paisagens de férias. Turismo. Práticas turísticas. Lago Merín (Uruguai).

### Abstract:

Lagoon Mirim is the largest of its kind in Brazil and Uruguay. However, it remains understudied in its tourist-recreational function, as well as in what concerns the perceptions and representations of its landscape by tourists/leisureers. Lago Merín, in northeastern Uruguay, is one of the sites where this Lagoon is encountered, by constituting a particular touristic version of the whole of the lake landscape studied. Thus, the core question was: How do subjects question the lake landscapes of Lago Merín in their summer seasons? As specific goals, it was interposed: i) to characterize the site "Lago Merín" based on trajectories of (dis)encountering of tourists/leisureer with Lagoon Mirim; ii) investigate the type of tourist gaze that is evoked in its landscapes views; iii) identify the tourist-recreational practices that commonly occur in the researched site, during the summer. For this, the Complexity method in Morin (2015) is the standing point. Multifocal data were collected through documents (officials, Trip Advisor comments and Instagram photographs) and field research (semi-structured interviews and direct observation). The data underwent

qualitative content analysis. It was possible to evidence the socio-historical trajectory of formation of the resort. The collective tourist gaze seems to be prevalent. The practices observed are broader than those stated. Therefore, the perspective of vacationscapes (LÖFGREN, 1999) is united with the collective gaze of tourists (URRY, 1999b), which takes place through contingent practices, although still conformist, beyond materiality. At the end, limitations of the research are pointed out, as well as the direction for future agendas.

**Keywords:** Vacationscapes. Tourism. Tourist practices. Lago Merín (Uruguay).

### Resumen:

Laguna Merín es la más grande de su tipo en Brasil y Uruguay. Sin embargo, permanece poco estudiada en su función turístico-recreativa, así como en lo que concierne a las percepciones y representaciones de su paisaje por parte de turistas/practicantes del ocio. Lago Merín, en el noreste de Uruguay, es uno de los sitio de encuentro con esta Laguna, y es una particular versión turística de todo el paisaje lacustre estudiado. Así, la pregunta orientadora fue: ¿Cómo los sujetos cuestionan los paisajes lacustres del Lago Merín en sus temporadas de verano? Como objetivos específicos, se interpuso: i) caracterizar el sitio "Lago Merín" a partir de trayectorias de (des)encuentro de turistas/practicantes del ocio con la Laguna Merín; ii) investigar el tipo de mirada turística que se evoca al contemplar sus paisajes; iii) identificar las prácticas turístico-recreativas que ocurren comúnmente en el sitio investigado, durante el verano. Para ello, se asume el método de Complejidad de Morin (2015). Los datos multifocales se recolectaron a través de documentos (oficiales, comentarios de Trip Advisor y fotografías de Instagram) e investigación de campo (entrevistas semiestructuradas y observación directa). Los datos se sometieron a un análisis de contenido cualitativo. Se pudo mostrar la trayectoria socio-histórica de la formación del Balneario. Parece predominar la mirada del turista colectivo. Las prácticas observadas son más amplias que las indicadas. Por lo tanto, la perspectiva de los paisajes vacacionales (LÖFGREN, 1999) se une a la mirada colectiva de los turistas (URRY, 1999b), que se desarrolla a través de prácticas contingentes, aunque todavía conformistas, más allá de la materialidad. Al final, señalanse las limitaciones de la investigación, así como el rumbo de las agendas futuras.

**Palabras-clave:** Paisajes vacacionales. Turismo. Prácticas turísticas. Lago Merín (Uruguay).

## 1 "Prêambulo" às águas da Lagoa Mirim

Constata-se que o paraíso, frequentemente retratado por turistas, envolve a existência de água, e que oásis é o termo que se refere ao local onde a água é encontrada (POTOCKA, 2013). A valoração de belezas cênicas das paisagens está frequentemente atrelada à presença de corpos d'água (VIEIRA, 2014). A vista da água, e da luz sendo refletida em sua superfície, pode propiciar ao ser humano a reflexão sobre si mesmo (POTOCKA, 2013). Embora possa haver aquafobia, as águas estão do lado da vida: se claras, sugerem fonte, purificação e regeneração (na cosmovisão judaicocristã ocidental) enquanto que nublada ou escura, pode evocar respeito e estimularo medo (BRUNI, 1993; POTOCKA, 2013).

A água é elemento de atratividade, porém, a vasta superfície de água dos lagos, ao ser considerada monótona, pode ser avaliada negativamente, e tal avaliação é demonstrável pela psicofisiologia do olhar (POTOCKA, 2013). A imensidão de águas da Lagoa Mirim, comparável à do mar, em não se tratando de um reservatório artificial, pode trazer como conotação a natureza magna, que é reforçada pelo fato de essa experiência ser

considerada irreprodutível, formando experiências e narrativas de paisagens singulares (ver PIMENTEL, 2010).

Julga-se oportuno que os *insights* trazidos pelos estudos das paisagens ajudem a compreender como os sítios e os destinos turísticos são escolhidos (KNUDSEN, RICKLY-BOYD; METRO-ROLAND, 2012). Ao abordar as paisagens, busca-se compreender o que significa para os sujeitos experimentar geograficamente uma área a partir da intencionalidade turística (PIMENTEL, 2010). A experiência da paisagem será sempre única para cada sujeito (SERRÃO, 2017). Defende-se que “[...] [a] visão da paisagem suscita a experiência estética.” (ANDRIOLO, 2016, p. 95). Apesar da relevância para a experiência turística, a estética segue pouco estudada pela Geografia e para o Turismo (KNUDSEN; METRO-ROLAND; RICKLY-BOYD, 2015).

Em termos empíricos, a Planície Costeira do Rio Grande do Sul – PCRS apresenta um cordão lagunar de grandes extensões. A Laguna dos Patos, a Lagoa Mirim e a Lagoa Mirim, no extremo sul do Brasil, são elementos emblemáticos da paisagem e dos imaginários sociohistóricos dessa porção do território. No caso da Lagoa Mirim, ela é corpo d’água compartilhado com o país vizinho, o Uruguai, podendo ser agregadas representações e distintas. Ou seja, há “fluidez” das águas superficiais como limites internacionais. O “lado” brasileiro da Lagoa parece apresentar sítios de encontro e versões turísticas da paisagem lacustres singulares, quando em relação ao “lado” uruguaio, embora haja o todo na parte, e a parte seja verificável mediante a apreensão do todo (KUNZ; CASTROGIOVANNI, 2021b).

Em se tratando de uma bacia hidrográfica transfronteiriça, a Lagoa Mirim parece manter fóruns de gestão integrada do sistema lacustre, via diplomacia, paradiplomacia e diretrizes globais. Com destaque para a irrigação da cultura arrozeira, o turismo e o lazer são uma das categorias de usos e usuários de suas águas. Nesse caso, tratam-se de uso não consuntivo das águas lacustres. Contudo, dependem da qualidade dessas águas para assegurar balneabilidade, mantendo a atratividade dos sítios de encontro.

Para o blog de viagem Territórios, a Lagoa Mirim trata-se de uma lagoa esquecida (MARTINS, 2021). Diante disso, poder-se-ia questionar: esquecida por quem? Onde? A que tempo? A visibilidade, que possui seu reverso na invisibilidade, implica reconhecer sujeitos, tempos, processos e condições socioespaciais mediante as quais acontecem (GOMES, 2013).

Rudzewicz (2018), em sua pesquisa sobre a Laguna dos Patos, verificou a possibilidade e necessidade a (re)valorização paisagística, aliada à ativação turística de localidades do entorno dessa laguna, a partir de uma integração com outras áreas, tais como as Lagoas Mirim e Manguieira e as áreas fronteiriças adjacentes. Em termos de pesquisa, defende-se a investigação sobre paisagens de lagoas cuja função turístico-recreativa é pouco conhecida fora do âmbito técnico ou acadêmico, como as águas interiores da PCRS (RUDZEWICZ, 2018).

Apesar disso, a literatura estrangeira (Anglo-saxã) da Geografia e do Turismo, tem abordado o turismo lacustre, em termos de paisagens e produtos, em escassos trabalhos, focada em estudos de caso restritos ao Norte Global, ainda pouco citados (HALL; HÄRKÖNEN, 2006; KONU et al., 2010, POTOCKA, 2013). Na literatura brasileira, teses de doutorado recentes abordam as representações de paisagens lacustres e a territorialização do turismo e lazer (KUNZ, 2021b; RUDZEWICZ, 2018), demarcando algumas práticas específicas, como as de classe social, por vezes constituindo-se em face alternativa ao turismo institucionalizado e consagrado pelas políticas públicas de turismo (ARRUDA; FURTADO, 2012).

Não foram encontradas, até Kunz (2021b), trabalhos com origem brasileira e uruguaia, que se debruçassem exclusivamente sobre as relações das águas da Lagoa Mirim e as práticas turístico-recreativas, quer pela mediação da paisagem, quer não. Tampouco, trabalhos que transpusessem o limite territorial e abordassem sítios de ambos os “lados”, buscando contrapô-los e/ou complementá-los na análise e síntese.

Nesse sentido, parece haver uma incerteza cognitiva, que supera pretensas certezas que tendem a ser proferidas e difundidas. A Lagoa Mirim, como objeto acadêmico, parece acenar com ricas possibilidades de avanços no (re)conhecimento empírico, técnico e científico.

Esta pesquisa insere-se no setor das “geografias culturais do turismo”, que não dizem respeito a um mapa fixo de sujeitos e destinos, empacotados e representados, mas a um conjunto de práticas que, de modo relacional, constituem o que vem a ser um entorno familiar e um não familiar (CRANG, 2009). Esse campo de pesquisas se mostra promissor, ao abordar e dar ênfase às práticas e performatividades que ocorrem nos encontros turísticos, indo além das restrições impostas pela noção de consumo turístico (KUNZ, 2021a). Como teoria e método, entendidos em sua dialogicidade, este trabalho assume a Complexidade de Edgar Morin (2015).

Desse modo, mediante recorte espacial, surge a seguinte questão: Como os sujeitos interpelam as paisagens lacustres de Lago Merín em suas temporadas de veraneio? Como objetivos específicos, tensiona-se: i) caracterizar o sítio “Lago Merín” (Uruguai) a partir de trajetórias de (des)encontro de turistas/lazeiristas com a Lagoa Mirim; ii) investigar o tipo de olhar turístico que incide sobre sua paisagens; iii) identificar as práticas turístico-recreativas que comumente ocorrem no sítio pesquisado, durante o veraneio.

A coleta de dados em campo foi realizada até fevereiro de 2020, antes da decretação de pandemia por Sars-Cov-2 pela Organização Mundial do Turismo.

## 2 Ancoragem teórico-conceitual

De modo geral, aqui se concebe o turismo como uma maneira pela qual percebemos e sentimos o mundo, o que quer que se pratique, onde quer que se esteja: ele porta seu próprio conjunto de tecnologias, predisposições e sensibilidades estéticas (FRANKLIN & CRANG, 2001).

“Turista” é muitas vezes julgado pejorativo pelos sujeitos que praticam turismo, os quais têm preferência pelo termo “viajante” (CRAWSHAW; URRY, 1997). Embora Turismo e Lazer tenham interfaces e apresentem sobreposições como práticas sociais e interesses de pesquisa, ambos seguem sendo campos distinguíveis de conhecimento e práticas (SANTOS; GOMES, 2016). Para Crouch (1999), pode-se optar pela nomenclatura turismo/lazer, se se levar que certas práticas que os definem acabam por se de-diferenciar, sendo elas responsáveis por produzir conhecimento geográfico leigo, segundo o autor. Neste trabalho, além da figura do “turista” consagrado pelas estatísticas dos órgãos multilaterais do Turismo, há posições de sujeito, tais como a do lazeirista (ver VALLS, 2006), categoria aparentemente válida no campo pesquisado.

O turista ou visitante podem ser considerados sujeitos estéticos, que, ao contemplarem uma paisagem de seu interesse, proclamam uma situação estética privilegiada, em que certos juízos são emitidos (KUNZ, 2021b). Reconhece-se, pois, o notável papel da estética na experiência turística (KNUDSEN, METRO-ROLAND; RICKLY-BOYD, 2015). No turismo, os encontros dos sujeitos com as paisagens revestem-se de destacado caráter geográfico-estético, em detrimento da dimensão cognitivo-funcional (PIMENTEL, 2010).

Entende-se que a “beleza”, ou o prazer estético, que os destinos proporcionam, é julgada de modo único por cada sujeito, individual ou coletivo: as dimensões experienciais são mais relevantes para o juízo estético no turismo do que as dimensões clássicas; e, assim, compreender quais e como os componentes funcionam em tal avaliação, e planejar destinos potencializando sua estética, parece, pois, fundamental no inventário e gestão dos sítios turísticos (KIRILLOVA et al., 2014), o que parece não se restringir às vistas consagradas.

Um dos sentidos humanos mais propriamente estéticos, sem cair em ocular-centrismo, parece ser, ao lado da audição, o da visão (SANCHEZ-VAZQUEZ, 1999). O olhar exprime uma ou mais intencionalidades (BESSE, 2014). A expressão da visibilidade social e culturalmente modula as representações visuais, em que as condições espaciais são fundamentais (GOMES, 2013). “O ato físico do olhar é pouco criterioso e se nutre de um homogêneo e generalizado interesse. O olhar percorre e não se fixa.” (idem, p. 32). Para Gomes (2013), a visibilidade é dirigida, parcelar e seletiva, podendo ser analisadas as razões que levam sujeitos e coletividades a ver ou a não ver. Desse modo, reconhece-se que visibilidade é um fenômeno de “incontornável geograficidade” (GOMES, 2013, p. 33). A visibilidade adquire pelo menos dois regimes no turismo, especialmente o

extraordinário, o qual “[...] capta a atenção, cria ou se associa a um evento, tem impacto, mobiliza e interfere nessa ordem do cotidiano.” (GOMES, 2013, p. 52). Já o ordinário é “previsível, repetitivo, não impactante” (idem, p. 51).

O chamado paradigma do olhar turístico (*gazing*), modo predominante no qual a Sociologia que estudou o Turismo nos anos 1990 (ver URRY, 1999a), institucionaliza algumas vistas ou alguns comportamentos, enquanto deslegitima (ou não legitima) outros (PIMENTEL, 2010). O olhar turístico conecta signos e objetos referentes (LARSEN; URRY, 2011), sendo um deles o olhar romântico. Este se caracteriza-se pela visualização solitária, pela imersão e pela admiração e envolve a atribuição de um sentido de aura à paisagem (URRY, 1999b).

A história do lazer em viagens sinaliza que novas sensibilidades redundam em novos modos de reconhecer uma paisagem (LÖFGREN, 1999). Embora as tecnologias de dramatização das imagens mudem substancialmente nos séculos precedentes (assim como ocorre com performances turísticas), a sensibilidade estética que condiciona o modo de olhar altera-se pouco (GASTAL, 2013), dada a feição da visibilidade romântica no fenômeno do turismo (SANTOS, 2016).

Vigentes no Romantismo, as sensibilidades do sublime e do pitoresco foram em alguma medida valorizadas pelo caminhar por meio das paisagens, incentivando os sujeitos, como os turistas, a que tivessem suas experiências corporificadas da paisagem: ou seja, experiências que possuam raízes somente no visual, mas também em outros sentidos humanos (LÖFGREN, 1999; BROOK, 2013). A experiência no-do turismo é mais-que-visual (EDENSOR, 2018). “O caminhar seria a preparação para a recepção total da paisagem e o viajante o protagonista por excelência de uma exploração topográfica das paisagens que visita.” (SERRÃO, 2017, p. 46).

Entretanto, parece ainda ser recorrente nos sujeitos um análogo à contemplação kantiana, que pressupõe “um espectador como ponto fixo perante o objecto contemplado, estando este à distância que a apreensão visual permite identificar [...] nem demasiado longe, nem demasiado perto.” (SERRÃO, 2017, p. 46). Contudo, a própria prática da fotografia turística não se pauta tão-somente no mirar paisagens de modo distanciado, mas também no engajar-se sensorialmente com elas corporealmente, agindo, posando, brincando (LARSEN, 2006). Assim, uma estética mais participativa, que se opõe a uma visão distanciado e desinteressada, solicita o envolvimento corpóreo no mundo vivido (BROOK, 2013).

Além do romântico, o olhar turístico tem outras variações. O de tipo “coletivo” é atividade comunal, realizada a partir de uma sequência de encontros compartilhados, voltando o olhar para o familiar. O olhar de espectador também é uma atividade de grupo, que ocorre a partir de uma série de encontros breves, a partir do relance e da coleta de signos do espaço circundante (URRY, 1999b).

Na sua relação com a paisagem, o turismo, por meio de seus sujeitos turistas/lazeiristas, é reconhecido como prática de atribuição de significados à medida em que interação ativa com os objetos (SOICA, 2016). Nesse contexto, algumas paisagens apresentam atrativos para os visitantes, pois acionam certas imagens mentais, em que a imaginação um componente essencial. Segundo Löfgren (1999), *vacationscapes* (paisagens de férias) são produzidas mediante a interação entre elementos da paisagem, das representações coletivas e das tecnologias de mobilidade e representação.

Os espaços esvaziados, que correspondem a uma atmosfera romântica ou intimista, estão em contraposição com espaços lotados e/ou com atividades ativas de lazer (PICAZO; MORENO-GIL, 2019). Mesmo em fotografias do balneário sem pessoas, as *vacationscapes* se fazem presentes, pois são signos de um veraneio ocorrido; ou seja, fora da temporada, são remanescentes de uma cultura (material) que por ali passou e que ainda persistem: paisagens de férias tratam-se de sítios de hedonismo, eventos, aventuras e/ou férias em família (idem).

Grande parte dos motivos que levaram ao desejo de se fixar as percepções visuais em imagens diz respeito a (então) novas atitudes em relação à paisagem (URRY, 2000), especialmente no século XIX. Adota-se aqui uma tendência na qual se busca compreender o porquê de os sujeitos terem preferências por determinadas paisagens, bem como o porquê de atribuírem certos significados a essas paisagens turísticas, conformando um paradigma “cognitivo” ou “experiential” de estudo das paisagens no Turismo (JACOBSEN, 2007).

Note-se que, conceitualmente, paisagem e natureza implicam-se mutuamente: paisagem atua como porção de natureza (SERRÃO, 2017). Em estudos brasileiros de imagem de destino, predomina a concepção de paisagem como natureza, em detrimento da paisagem-lugar, entre outras possibilidades analítico-conceituais (KUNZ; CASTROGIOVANNI, 2021a).

O supracitado paradigma do olhar turístico é doravante abordado como relacional, além de como interações entre membros de um grupo sobre o que ver, como vê-lo e por quanto tempo. Miradas individuais são mediadas e afetadas, permitidas ou restringidas, pela presença do olhar dos outros turistas, que contribuem para influenciar o que se entende por olhar turístico. Mais atualmente, reconhecem-se similitudes entre os paradigmas do *gazing* e o da performance, ou seja, entre o olhar objetos e o desempenhar papéis (LARSEN; URRY, 2011). Tal mudança de enfoque também se faz notar no estudo das paisagens pelo Turismo (KUNZ; PIMENTEL; CASTROGIOVANNI, 2019).

A presença de turistas ou lazeiristas parece delimitar paisagens como turísticas (PIMENTEL; CASTROGIOVANNI, 2015). Nesse sentido, certos valores visuais/estéticos/ideológicos da paisagem condicionam, pelo menos em parte, as práticas turístico-recreativas no ambiente natural, como em lagos e lagoas (POTOCKA, 2013). As práticas turístico-recreativas, que se desdobram em encontros, implicam considerar o que é

feito, não somente o que é representado: isso permite redimensionar o valor dos outros sentidos, numa superação da hegemonia da visão, especificamente no modo como a paisagem segue sendo concebida (MINCA, 2007).

Partindo de geografias das porções mais-que-representacionais das experiências, as práticas são consideradas atos corporificados de paisagem turística. Muda-se o enfoque predominante: da ênfase da representação e significado, passando a abarcar formas de conhecimento fenomenológicas, centradas no corpo. Segundo teorias da prática, as normas e os valores podem ser internalizados e replicadas por meio de movimentos, práticas e rotinas; hábitos organizam a vida dos sujeitos, ligando-os aos grupos e formando comunidades culturais, em meio a práticas legítimas do cotidiano (ADEY, 2010; EDENSOR, 2007; LORIMER, 2005). Seriam as práticas e performances as responsáveis por ativar os sítios turísticos como tais. Se as práticas de mobilidade cessam, o lugar deixaria provisoriamente de ser turístico (SHELLER; URRY, 2004), reflexão que parece ser válida para Lago Merín, que (re)apresentado na parte “três”.

### 3 Métodos e metodologias

O método e/ou paradigma Complexidade desponta como modo privilegiado de aliar epistemes de domínios diversos, o que é válido para a interação Geografia-Turismo (PIMENTEL; CASTROGIOVANNI, 2015). O método da Complexidade se vê como resposta ao paradigma simplificador, redutor e disjuntivo, presente no paradigma cartesiano, segundo o qual a ciência deveria operar a separação estrita entre objeto e sujeito de conhecimento. Na contramão, a Complexidade preconiza a indissociabilidade entre ambos (MORIN, 2011). Complexidade vem da palavra latina *complexus*, e designa o que é tecido junto, recolocando o paradoxo do uno e do múltiplo, ou o princípio do *unitas multiplex*, escapando, a um só tempo, do holismo e do reducionismo (MORIN, 2011, 2015).

A Complexidade pode ser entendida a partir da constatação das incertezas históricas, empíricas e cognitivas, em sistemas de conhecimento até então organizados, afastando-se, pois, de certezas aparentemente imutáveis, fazendo-se acompanhar da provisoriidade do conhecimento produzido. As incertezas também comportam ambiguidades, contradições e irracionalidades. Além disso, a Complexidade, como caminho, não se aspira atingir a totalidade, ao não assumir ser uma verdade em si; em vez disso, tem a ver com as tramas, as relações e as interações do tecido, pano de fundo, constitutivos do mundo da vida, da qual o saber científico parece fazer parte. A consciência de uma multidimensionalidade leva a conceber que toda visão unidimensional, (hiper)especializada e/ou parcelada torna-se empobrecida: o empreendimento “Complexidade” pressupõe a união do que está disperso, evitando a fragmentação de saberes, religando-os sempre que possível (MORIN, 2011).

Tendo percorrido brevemente sobre algumas ideias que regem a Complexidade, tal como concebida por Edgar Morin, parte-se, agora, para a classificação da pesquisa, e o detalhamento de seu processo, com ênfase nos procedimentos empregados. Consonante à Complexidade tal como adotada nas Ciências Humanas e Sociais, executou-se pesquisa qualitativa, que visa, entre outros elementos, assegurar que os métodos e as teorias são apropriados (o objeto define a metodologia), bem como garantir reflexividade do pesquisador e da pesquisa, bem como dados em si mesmos. A pesquisa qualitativa tende a ser orientada pela visão dos sujeitos pesquisados (FLICK, 2009).

Na etapa da pré-coleta do estudo de caso, realizou-se observação preliminar do sítio de estudo, a fim de acercar-se ao objeto empírico: novembro de 2019 e janeiro de 2020. No mês de julho de 2019, havia sido realizado e validado o pré-teste do roteiro de entrevista. O instrumento foi composto de três partes principais: entrevista episódica, foto-elicitación e técnica projetiva (FLICK, 2009). Também realizou-se leitura flutuante de imagens fotográficas de paisagem, práticas e performances, disponibilizadas publicamente no Instagram, clicadas nos meses de janeiro e fevereiro de 2020, num totalizando 18 fotografias. A busca se deu por *hashtags*. Houve a leitura de todos os comentários que haviam sido publicados, até fevereiro de 2020, no Trip Advisor, num total de 13 comentários.

Houve definição gradual da amostra de pesquisa, ou seja, uma amostragem teórica, cuja decisão é tomada na coleta e também na interpretação dos dados. Diferentemente da amostragem aleatória ou estratificada, selecionaram-se as fotografias, dias de observação e informantes que pudessem enriquecer o desenvolvimento teórico (FLICK, 2009). Ainda para delimitação do corpus e o esgotamento de rótulos/nós utilizou-se o critério de saturação teórica (idem).

Na etapa de coleta de dados propriamente dita, efetuou-se observação direta assistemática e não participante no campo de estudo, totalizando oito turnos de trabalho, ao longo de janeiro de 2020, buscando fazê-lo especialmente aos finais de semana, períodos de maior afluência de usuários dos sítios de encontro. Foram gravados áudios pelo pesquisador com a descrição e análise do observado. As anotações em áudio foram transcritas na íntegra. Efetuou-se entrevista semipadronizada com três agentes-chave do turismo regional, e que fossem usuários da Lagoa para turismo e/ou lazer. Trata-se de um praticante de canoagem brasileiro, um gestor regional do turismo uruguaio e um gestor municipal do turismo brasileiro que visita Lago Merín. O interesse não repousou na política e a gestão turística dessa área litorânea em si, mas, neste momento, apreender indícios de suas percepções e representações do turismo lacustre e suas paisagens. As entrevistas, que duraram em média 30 minutos, foram gravadas por áudio e também transcritas na íntegra.

Já na etapa de análise de dados, efetuou-se análise qualitativa de conteúdo, embora houvesse sido gerados dados de frequência. Embora as

definições mais tradicionais classifiquem a análise de conteúdo como técnica eminentemente quantitativa, ela pode figurar como técnica de pesquisa para avaliação sistemática dos conteúdos real e simbólico de todos os registros de comunicação (HALL; VALLENTIN, 2005). Partindo de codificação aberta (FLICK, 2009), efetuaram-se decomposição e recomposição do material (YIN, 2016). Os dados textuais e visuais, foram inseridos no software livre QDR Miner Lite, de análise qualitativa, a partir da qual oito rótulos se mostraram exaustivos e não excludentes, e perpassavam os diversos objetivos do trabalho. Observou-se a triangulação metodológica, a fim de evitar vieses que uma fonte, um informante ou uma técnica poderia oferecer (FLICK, 2009). Além da triangulação metodológica, foi também relevante a triangulação teórica entre distintas correntes de conceituação da paisagem, como Nova Geografia Cultural e Geografia Fenomenológica, ou, respectivamente, a paisagem como modo de ver e a paisagem como modo de ser (ver WYLIE, 2007). A finalidade foi atingir descrição interpretativa, que pudesse conferir certa generalização para fins analíticos.

#### **4 O objeto emírico: encontros com Lago Merín, Uruguai**

Como enunciado, a Lagoa Mirim está localizada em uma planície costeira, na área mais meridional do Brasil, sendo separada do Oceano Atlântico por uma extensa e estreita faixa de terrenos baixos, unindo-se à Laguna dos Patos pelo Canal de São Gonçalo, que, em Rio Grande, deságua no Oceano Atlântico (SCHÄFER et al., 2009). O talvegue da Lagoa estabelece os limite entre o Brasil e o Uruguai em determinadas porções. Dois terços da superfície da Lagoa correspondem ao Brasil e um terço ao Uruguai, ali prevalecendo o regime de águas compartilhadas, de acordo com tratados consolidados nos anos 1970.

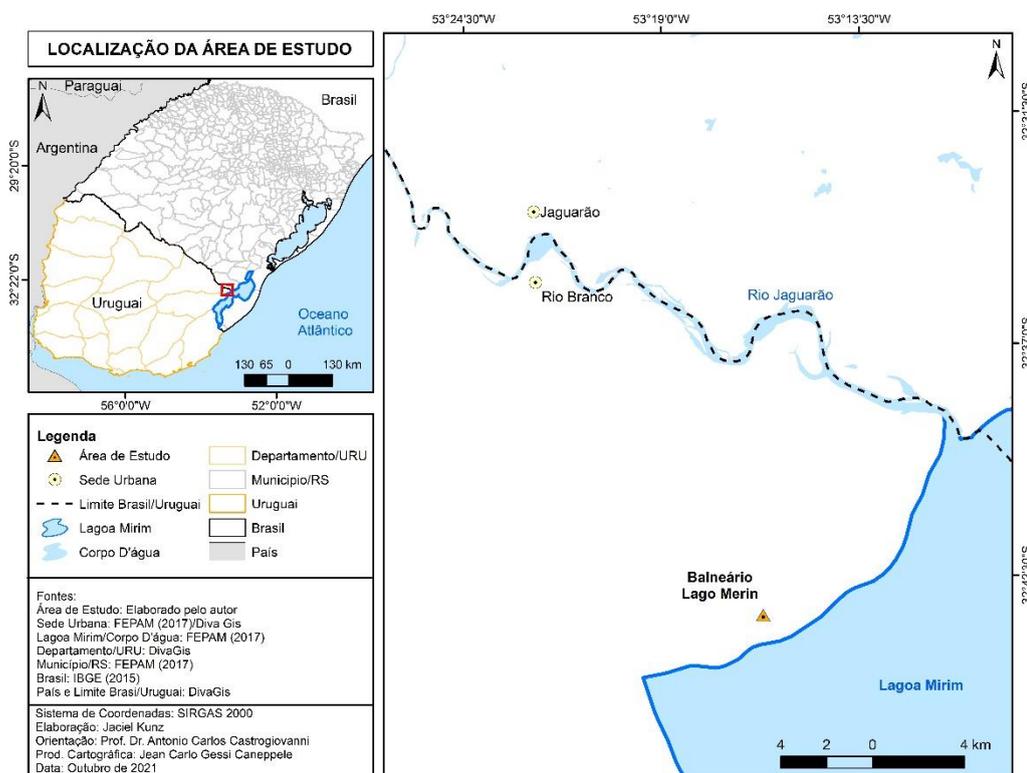
As fronteiras são tidas como áreas diferenciadas em relação ao restante do território, tanto no que tange a vantagens e atratividades dessas áreas, quanto no que concerne a uma potencial liberdade aos movimentos, ou ainda, a limitações e barreiras a elas relacionadas (KUNZ; PIMENTEL; TOSTA, 2014), “[haja] [...] visto ser a fronteira um terceiro espaço, em constante expansão-retração, portanto, repleto de atratividade.” (GASTAL; CASTROGIOVANNI, 2006, p. 3). As cidades-gêmeas são meios geográficos arquetípicos das fronteiras, como é o caso de Jaguarão (Brasil) e Río Branco (Uruguai), separados/unidos pela Ponte Barão de Mauá, sobre o Rio Jaguarão.

A palavra “mirim” remete à infância e à pequenez, ainda que a Lagoa seja o segundo maior corpo lacustre do Brasil, atrás apenas da Laguna dos Patos, e é a maior do gênero no Uruguai. Quando comparada à Laguna, é que a Lagoa Mirim recebe esse nome. A Mirim ocupa superfície de 3.749km<sup>2</sup> e possui 185km de extensão, com largura de 20km, em média (ALM, 2019). Eventos de regressão/ transgressão marinhas dos últimos seis mil anos foram decisivos para a configuração das lagoas nessa parte da Planície Costeira (SCHÄFER et al., 2009).

Lago Merín constitui-se como um dos sítios de encontro com essa Lagoa, passíveis de serem estudados na sua função turístico-recreativa, o que envolve percepções e representações de paisagem, marcadamente visuais. Em outras palavras, o sítio forja trajetórias de (des)encontro com a Lagoa, na condição de uma versão turística dessa paisagem lacustre (KUNZ; CASTROGIOVANNI, 2020b).

A Figura 1 exibe mapa com localização de Lago Merín, a nordeste do Uruguai, no departamento de Cerro Largo, município de Río Branco.

**Figura 1 – Mapa com localização de Lago Merín**



Fonte: Elaboração de Jean Caneppele (2021).

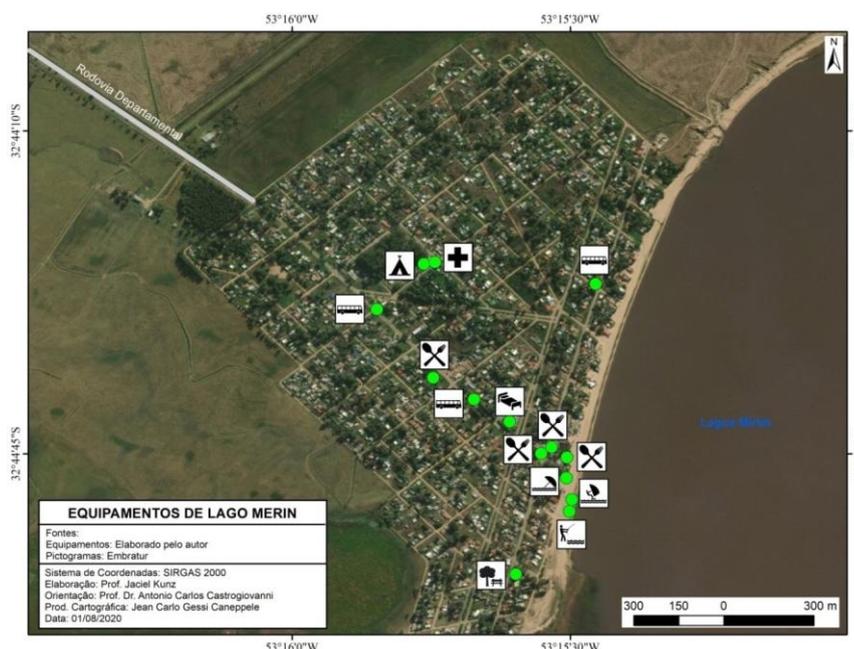
A área em estudo é conhecida não somente como Bacia da Lagoa Mirim, mas também como Bacia Arrozeira, com boa parte da produção nacional do grão. Lembre-se que toda a linha de costa lacustre, corresponde a sítios Ramsar (ACHKAR; DOMINGUEZ; PESCE, 2012). Em Lago Merín e adjacências, tem crescido o modelo de estrangeirização da propriedade das terras, passando-a para brasileiros, que acabam aportando tecnologia à cultura arrozeira (MIGLIARO, 2012). Está-se observando uma queda na captura de pescado, dado que os pescadores artesanais acabam atraídos por outras atividades econômicas (ACHKAR; DOMINGUEZ; PESCE, 2012).

De acordo com Cunha et al. (2012), já em seu primeiro ano de edição (1935), a revista Turismo no Uruguai referia-se à Lagoa Mirim como um lago estupendo, navegável e dotado de paisagens belas que serviam

somente à contemplação, bem como às atividades de caça e pesca. Estas advinham de hábitos recreativos tradicionais no meio rural e que se prologariam como práticas turísticas. Já nos anos 1940, mencionava-se Lago Merín como eminente balneário para o departamento de Cerro Largo. Lago Merín está a 20 km das cidades-gêmeas Jaguarão-Río Branco (CUNHA et al., 2012).

A Figura 2 mostra figura com vista aérea do sítio urbano do Balneário, suas bordas, e a respectiva infraestrutura de apoio turístico disponível.

**Figura 2 – Vista do sítio urbano com sua infraestrutura**



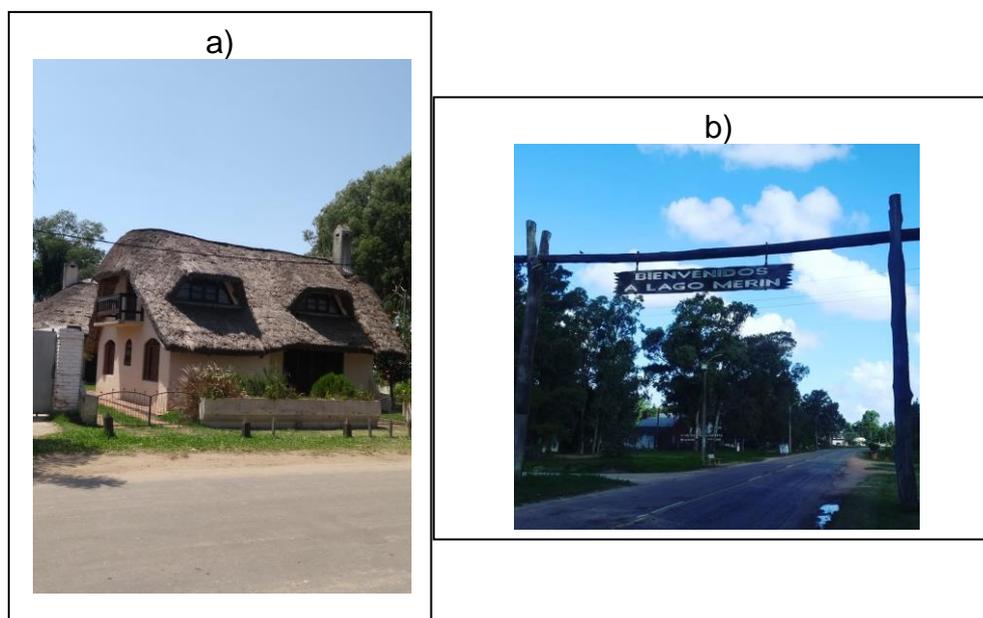
Fonte: Elaboração de Jean Caneppele (2020).

A localidade possui 1.000 habitantes permanentes, com tendência de alguns turistas, posteriormente, se fixarem; a população flutuante em finais de semana de temporada chega a 10.000 visitantes e, em dias de eventos especiais, pode chegar a 25.000. A maior parte da população economicamente ativa combina atividades características do turismo com atividades agropecuárias ou com pesca artesanal; há hotel e cabanas de aluguel. Casas de comércio mantêm-se abertos durante a temporada, sendo, contudo, escassos os serviços permanentes (MIGLIARO, 2014). A maioria dos visitantes é brasileira, muito dos quais contando com segunda residência no Balneário (idem). Entretanto, observações do campo indicam que predominam os uruguaios, embora o público brasileiro, especialmente jaguarenses, nos finais de semana seja considerável. É recente o começo de atividades de um ecoturismo. Encontram-se às margens do Taquari algumas estâncias turísticas dedicadas à caça esportiva. Essas estâncias afetam, em alguns casos, a atividade pesqueira, ao cercarem campos e impedirem a passagem e acampamento (MIGLIARO, 2014).

A criação da reserva privada Banhados do Jacaré teria, por sua vez, cercado a faixa costeira desde o Balneário até a desembocadura do Taquari, a fim de delimitar uma trilha interpretativa para preservação ambiental e mitigação de impactos; inicialmente, a intenção era oferecer numerosas atividades, mas acabou restringindo-se à caminhada, por questões normativas, de falta demanda e de escassez de profissionais (MIGLIARO, 2014).

A Figura 3 exibe duas fotos clicadas no Balneário durante as coletas de dados em campo.

**Figura 3 – Fotos clicadas em Lago Merín**



Fonte e créditos: o autor (2020).

A Foto “a” apresenta uma residência, na entrada central da praia, lembrando a arquitetura praticada em certos lugares do Uruguai. A foto “b” é do portal de entrada ao Balneário, pela rodovia de acesso.

Retomando o desenvolvimento da localidade, uma versão dá conta de que Balneário teria surgido, inicialmente, como colônia para recuperação de tuberculosos. O curismo pode ser considerado um modo proto-turismo. Tal movimento é marcado, segundo Corbin (1989), pela prescrição médica que codificava as práticas, por meio de um “arsenal terapêutico” (p. 75), nas costas marítimas britânica e francesa, entre os séculos XVIII e XIX. No curismo marítimo, a paisagem variada também fora considerada fator de cura de doenças crônicas. Não somente uma nova sensibilidade estética era requerida, mas também outra sensibilidade sinestésica. Além disso, o regime dos ventos marítimos fazia parte das indicações médicas (CORBIN, 1989). Algo semelhante também teria ocorrido nos primórdios de Lago Merín, em que os ventos lacustres eram amenidades favoráveis ao

tratamento da tuberculose, e que hoje o são para diminuir a sensação de calor em noites quentes, ou ainda, para serem aproveitados em esportes náuticos (conjunção água e vento), como se verá adiante.

Não se pode desconsiderar que a “sociabilidade finamente codificada que caracteriza então a vilegiatura marítima” encontrou-se aliada a um “desejo de imitar os nobres”, em que a “aprendizagem e a ampliação social de práticas que se vêm diversamente reinterpretadas.” (CORBIN, 1989, p. 20). A sociabilidade durante a temporada de verão, muitas vezes, com os vizinhos ou amigos de sua localidade de origem, é hoje, de alguma forma, reinterpretada no veraneio em Lago Merín.

Localizado em Río Branco, o Balneário foi delimitado sob iniciativa de Saturnino Arismendi, quem, em 1939, observou as condições naturais da praia da Lagoa Mirim e as comparou com as do sul do Uruguai com as da brasileira Laguna dos Patos. Seu filho, Athos, juntamente com Felipe Ruiz, começaram, em 1951, a promoção e a venda de terrenos. As modalidades turísticas constantes em fontes históricas dão conta das de natureza, de pesquisa e das de compra no Brasil, além da pesca. O turismo de veraneio é algo acrescentado a partir da década de 1950 (CUNHA et al., 2012). Em seus começos, o Balneário passa a atrair aposentados oriundos da capital dos departamentos vizinhos (MIGLIARO, 2014).

O desenvolvimento do complexo arroeiro dessa área se dá entre os anos 1930 e 1940, mesma época do loteamento do balneário. Consolidase, assim, o setor agropecuário na área e a delimitação de Río Branco como cidade comercial fronteiriça (MIGLIARO, 2014). Já em 1940, leis declaravam Rio Branco, as costas do Rio Jaguarão, a desembocadura e as margens da Lagoa Mirim, como zonas de interesse turístico (CUNHA et al., 2012).

Para Migliaro (2014), haveria atualmente dois tipos de turismo claramente identificáveis na área. O primeiro, ligado ao Balneário de Lago Merín propriamente dito, com utilização da praia, realização de esportes náuticos e a presença de relativa infraestrutura, inclusive de hotel. Este tipo não afeta as atividades dos pescadores, podendo contribuir com complementação de renda. O outro tipo de turismo é de caráter privativo, alijados do balneário, assentando-se em sítios privados. O acesso seria por estradas privadas, havendo pouco contato com a população local.

## 5 Reflexões: articulações teórico-empíricas

Em estudo precedente, Kunz e Castrogiovanni (2021) realizaram uma análise do “enquadramento” e das categorias estéticas presentes no olhar turístico sobre a Lagoa Mirim, por meio de fotografias postadas no Flickr (2000-2018). Como previsto, no universo de 24 fotografias avaliadas, na paisagem fotografada de Lago Merín predomina o elemento “águas” (22 ocorrências), cujos elementos, simbologias, valores e atitudes foram expostas na parte “um”. Com a mesma frequência, aparece vegetação de todo tipo (20). Posteriormente, o estudo optou pela categoria da paisagem

de férias para descrever os arranjos e os objetos fotografados – 20 ocorrências, a maior dentre os sítios da Lagoa Mirim. Também é relevante o grupo areia/falésias, tendo em conta que a areia da praia conformam espaços limiares, fronteiras entre águas e terra (ver TUAN, 2012). Os resultados dessa pesquisa anterior parecem corroborar os achados da presente seguida, conforme se nota a seguir.

As categorias estéticas tradicionais do olhar romântico, como sublime e pitoresco, não pareceram relevantes para descrever o modo pelo qual a estética visual medeia a relação entre sujeitos e paisagem lacustre em Lago Merín. Ao contrário, as performances de uma paisagem de férias acabam assumindo papel de relevância. Ou seja, a paisagem de férias não se trata apenas de um arranjo material de paisagem e objetos, mas como um modo pelo qual turistas/lazeiristas engajam seus corpos, e não somente seus olhos, à paisagem circundante, movimentando-se, posando, divertindo-se e socializando.

No Trip Advisor (2020), um visitante considera Lago Merín “balneário bem estruturado”. A avaliação oposta também ocorre: “Quanto a [sic] estrutura não tem nada, não tem restaurantes, nem bares.” Outros ponderam: “local tem boas opções para lanche mas para *trip* menos exigentes”; “senti falta de bons locais para Almoçar. Algumas famílias usam suas casas, pequenas, como um restaurante selserviço [sic]”. Outros, porém, avaliam: “A comida local também é muito boa. Um lugar ideal para relaxar e apreciar a natureza e a gastronomia uruguaia.”.

Também, fez-se a seguinte observação de um grupo: “Tem gente também com uma tenda, com cadeiras e mesa. Parece que vão passar o dia, porque... De novo, uma senhora fazendo uma foto ou um vídeo panorâmico, bem na entrada principal, bem no acesso onde as pessoas provavelmente deixam o carro.”.

Embora com tendência a considerarem que há o que praticar em Lago Merín, inclusive nas estações mais frias, alguns depoimentos no Trip Advisor sobre o assunto, positivas e negativas: “Local bem movimentado com cabanas para alugar o ano todo.”; “um local muito interessante para refrescar-se durante o calor do verão. No inverno, o Hotel possui piscina térmica.”. “Balneário [sic] bem estruturado, com alguns comércios abertos inclusive na baixa temporada”. Outros comentários vão à direção oposta: “Estivemos na baixa temporada. Nada estava aberto”; “diz[em] que na alta temporada é muito procurado.” De todo modo, é salientada a sazonalidade nos serviços turísticos e, possivelmente, nas práticas turísticas.

A Figura 4 exhibe quadro com as práticas turístico-recreativas observadas em Lago Merín durante pesquisa de campo, mais diversas que as enunciadas em entrevistas.

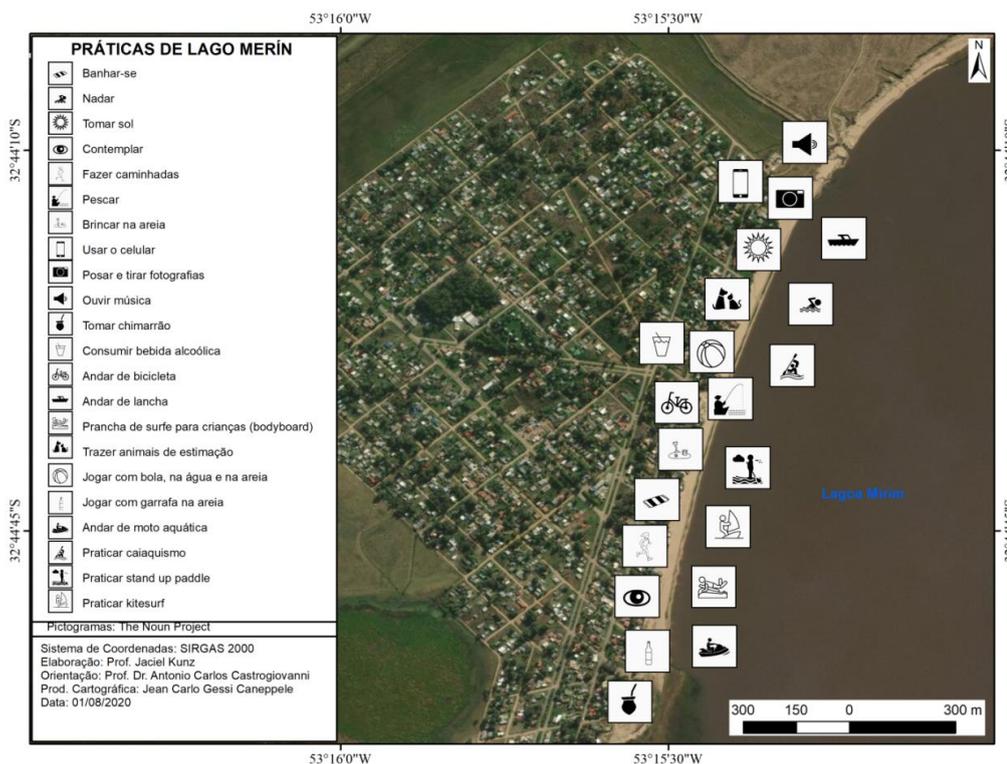
**Figura 4 – Quadro com as práticas turístico-recreativas observadas**

- Banhar-se (inclusive com cadeira adaptada)	- Usar o celular	- Prancha de surfe para crianças ( <i>bodyboard</i> )
- Nadar	- Posar e tirar fotografias	- Trazer animais de estimação
- Tomar sol	- Ouvir música (com caixas de som)	- Jogar com bola, na água e na areia
- Contemplar	- Tomar chimarrão (pela manhã)	- Jogar com garrafa na areia
- Fazer caminhadas	- Consumir bebida alcoólica	- Andar de moto aquática
- Pescar	- Andar de bicicleta	- Praticar caiaquismo
- Brincar na areia	- Andar de lancha	- Praticar <i>stand up paddle</i>
		- Praticar <i>kitesurf</i>

Fonte: Elaboração do autor, a partir de pesquisa direta (2020).

Da lista de práticas turístico-recreativas observadas na praia do Balneário de Lago Merín, elaborou-se um mapa, com pictogramas das práticas nele disposto (Figura 5).

**Figura 5 – Mapa das práticas turístico-recreativas observadas**



Fonte: Elaboração de Jean Caneppele (2021)

Nas distintas práticas em Lago Merín, emergem os imaginários urbanos da praça, ao abordar o espaço, e do palco, por sua visualidade (GASTAL, 2006), para designar o observado, o que sugere a identificação provisória

de veranista, lazerista e/ou turista, na necessidade implícita de ver e ser visto em encontros turísticos.

E sobre análise junto, o que, aonde eu vou chegar, né, a questão do palco, é... eu acho que tem a praça muito forte, um imaginário urbano “praça”, porque é de comunhão, é de diversão juntos. Mas é palco de algumas performances de aparecer. Talvez isso seja mais presente com jovens, e com os adultos, né? Da praça, do reunir-se, do palco, do ver e ser visto. (NOTAS DE CAMPO, 2020).

No contexto de práticas e performances, há uma cadeia de procedimentos para se tirar fotografias, conforme se observado. “As pessoas que fotografam, elas olham a foto, elas dão instruções, elas combinam como as pessoas vão fazer a foto. Pelo menos, foi esse o caso que eu vi, as pessoas se comunicam de longe, combinar como vai ser essa foto.” (NOTAS DE CAMPO, 2020).

A entrada principal da praia de Lago Merín parece ser ponto referente para tirar fotografias. “E... e essa pessoa que veio tirar foto, ela não ficou um minuto na praia. Ela veio tirar uma foto panorâmica e um vídeo e foi embora.” (NOTAS DE CAMPO, 2020). Isso demonstra uma experiência mediada pela lente e pela tela do equipamento utilizado para fotografar e, por outro lado, uma fruição estética, aparentemente, superficial, de contato pouco duradouro. Quando se muda o ponto de observação para um local além da entrada principal, em outro horário, o número de fotografias diminui, de modo em que parece ter se consagrado um momento e um ponto mais favorável para tal.

Não raro, a paisagem lacustre não passa de um pano de fundo para as práticas e performances, objetos preferentes de registro fotográfico, principalmente, a *selfie*, hoje considerada um novo olhar turístico, direcionado não mais a atrações ou grupos de visitados, mas a si próprio, e, por meio desse novo olhar turístico, os sujeitos esperam projetar as características dos atrativos e paisagens sobre si (DINHOPL; GRETZEL, 2016).

Uma situação observada elucida a performance no palco turístico do Balneário, pois nem sempre a situação retratada em fotografia condiz com uma prática executada, mas sim como uma prática idealizada e socialmente oportuna.

Acabei de ver agora, provavelmente uma filha tirando foto pra uma mãe, né? Ela tá deitada de bruços, tomando banho de sol, de chapéu, numa esteira, de óculos de sol. Ela tá relativamente longe da, da água. Talvez mais importante seja a areia. Aí ela checa a imagem, e levanta. Eu não acompanhei, mas parece que ela fez essa pose exatamente pra, pra foto, né? Não necessariamente ela tenha passado muito tempo, ahm, no sol, né? (NOTAS DE CAMPO, 2020).

Uma situação observada elucida a performance no palco turístico do Balneário, pois nem sempre a situação retratada em fotografia condiz com uma prática executada, mas sim como uma prática idealizada e socialmente oportuna. Não raro, aparecem em cenas e coreografias do veraneio, que são as fotografias típicas do álbum de família (BELL, 2010), em que os sujeitos, que desempenham papéis, são mais importantes que a paisagem.

A categoria de paisagem de férias, que afeta às práticas e às performances do veraneio em sítios de hedonismo, como os balneários, ocorrendo, em registros fotográficos, espaços mais lotados de pessoas, o que aparece em Lago Merín (KUNZ; CASTROGIOVANNI, 2021). Contudo, na observação ficou mais aparente a afluência concentrada de turistas/lazeiristas do que o enquadrado em fotografias, predominando o olhar coletivo. Em Lago Merín, o olhar turístico parece transitar entre o regime de visibilidade do extraordinário e do ordinário, uma vez que dentro da vivência e do olhar extraordinários, há um cotidiano turístico, que, dentro das constrições espaço-temporais do veraneio, acaba por torná-lo potencialmente ordinários e mundanos.

## 6 Considerações finais

O primeiro objetivo, de delimitar como Lago Merín forja trajetórias de (des)encontro com a Lagoa homônima, notou-se que, no transcurso histórico, os olhares turísticos, inicialmente curativos, voltaram-se à área, aproveitando-se do corpo d'água e das amenidades do vento, dadas condições socioeconômicas e infraestruturais. Não se pode oldivar a biodiversidade, a historicidade e geograficidade do Balneário e seu entorno. Há que se reter a condição fronteira desse sítio, embora não esteja sobre a linha-limite internacional. A Lagoa Mirim parece ter maior visibilidade no “lado” uruguaio do que no “lado” brasileiro, algo que pode se transformar como o decorrer do tempo. A complementaridade da paisagem de férias de Lago Merín, com a oferta turística das cidades-gêmeas, voltadas ao patrimônio e ao segmento de compras, ficaram evidentes, e, numa escala maior, pode-se delinear um circuito turístico que faça os sujeitos apreenderem e vivenciarem a Lagoa como um todo complexo, e não somente como partes e versões turísticas reduzidas.

No segundo objetivo, como prolongamento dos achados no primeiro, verifica-se que, apesar de o turismo, em geral, ainda acontecer mediante os cânones (visuais) do romântico, o olhar a condicionar a experiência turística em Lago Merín é de tipo coletivo, que parece fazer sentido quando em encontros turísticos com outros sujeitos, outros grupos, ainda que com tendência de retirá-los, em certas fotografias analisadas. Não foram verificados trabalhos que tivessem efetuado a decisiva relação teórico-empírica entre a formulação do olhar turístico coletivo segundo Urry (1999a, 1999b) e a da paisagem de férias em Löfgren (1999), ambas úteis para se apreender o objeto “Lago Merín” em pesquisas técnico-científicas. Disso decorre a necessidade de se pensar a estética desse sítio, a natureza dos

encontros, e conseqüentemente, a criação e manutenção de ambientes construídos – sem necessariamente haver supressão de ambientes naturais –, propícios a esses encontros e a esse olhar coletivo, e que venham a se converter em ícones dessa paisagem de férias. Esta se trata de uma relação particular com os sítios turísticos, que possui suas materialidades, mas também seus imaginários e práticas, ligados, como se viu, a hedonismo, eventos, contato com a natureza e a férias em família.

Por fim, intentou-se identificar, arrolar, analisar e mapear as práticas turístico-recreativas que comumente ocorrem em Lago Merín durante o veraneio. Estas parecem ser mais vastas na observação do que na enunciação de entrevistas ou nos registros fotográficos (documentos). Não há paisagem de férias sem práticas e performances comunais, que possuem nos encontros turísticos seu caráter pontual. Do mesmo modo, as práticas ativam provisoriamente esses sítios de encontro, tornando-os turísticos. Os sujeitos das práticas tornam-se turistas e/ou lazeiristas, mediante a assunção desses papéis, que possuem códigos sociais, perenizados por réplicas. Logo, há territorialidades cíclicas e permanentes ocorrendo na porção espacial analisada.

A partir desses objetivos setoriais, foi possível aproximar-se a respostas, também provisórias, dadas as incertezas consideradas, à pergunta sobre como os sujeitos turistas/lazeiristas interpelam as paisagens lacustres em suas temporadas de veraneio. Para tal, defende-se a perspectiva segundo a qual a experiência turística não se esgota no olhar para paisagens, quer seja de modo romântico, quer seja coletivo, embora seja algo relevante. Em vez disso, a experiência turística dá a partir das tramas do *complexus* práticas/performances turísticas – calcadas em olhos, corpos e movimentos – e os significados, especialmente os estéticos e ambientais, atribuídos por meio de paisagens de férias arquetípicas ocidentais, ou, por vezes, da contemplação romântica de cenários de água. As próprias paisagens de água, quando em seus encontros com turistas, não se conformam apenas pelos corpos d'água e seus elementos de contato (como terra, água, céu, vegetação), mas a partir de relações de mediação sociocultural, da qual a história das viagens e do turismo tem sido parte relevante.

Nesse sentido, há o premente desafio de transpor os lagos como meramente contemplativos, a fim de torná-los corpos d'água multissazonais, promovendo práticas para além das possíveis na orla lacustre, adentrando os territórios adjacentes, e preferencialmente em meses que não os de verão (RUDZEWICZ; CASTROGIOVANNI; PEYRAQUE-GADEAU, 2020).

Assinala-se a limitação das vozes da literatura estrangeira Anglo-saxã, esta somada a alguns estudos de caso sobre os corpos lacustres. Não se consultou literatura em língua espanhola ou francesa acerca da abordagem cultural das paisagens, por exemplo. Poder-se-ia ter elaborado comparativo com outros sítios semelhantes, a ser encaminhado em outras pesquisas e trabalhos, de modo a aumentar o grau de generalização

(nunca absoluta para corpos d'água ou paisagens semelhantes, de outros locais do mundo, ou, pelo menos, da própria América Latina.

Permancem, ainda, algumas inquietações: Por que algumas paisagens apresentam beleza cênica e não possuem fluxo turístico? E, ao contrário, por que algumas paisagens, aparentemente estereis, são capazes de atrair o olhar turístico, romântico ou coletivo? Na dualidade romântico/coletivo, seria a fotografia de um novo olhar coletivo do turista, de encontros compartilhados, in loco ou no ciberespaço, síncrono ou assíncrono, apesar de alguns motivos da paisagem de férias retratados?

## 7 Referências

ACHKAR, M.; DOMINGUEZ, A.; PESCE, F. **Cuenca de la Laguna Merín-Uruguay**: Aportes para la discusión ciudadana. Montevideu: Redes, 2012. 31p.

ADEY, P. **Mobility**. Londres: Routledge, 2010.

AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DA BACIA DA LAGOA MIRIM – ALM. **Bacia Hidrográfica da Lagoa Mirim**. Pelotas: ALM, 2019. Disponível na Internet. [https://wp.ufpel.edu.br/alm/?page\\_id=2103](https://wp.ufpel.edu.br/alm/?page_id=2103). Acesso em: 31 dez. 2019.

ANDRIOLO, A. A paisagem da cidade histórica e turística: fenomenologia da experiência estética. Caderno Virtual de Turismo, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 91-105, dez. 2016.

BELL, V. Visual methodologies and photographic practices: encounters with Hadrian's Wall World Heritage Site. In: BURNS, P. et al. (Org.). **Tourism and visual culture**. Oxfordshire: Cabi Publishing, 2010. p. 120-134. 2 v.

BESSE, J.-M. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a Geografia. Trad. Vladimir Bartolini. São Paulo: Perspectiva, 2014. 108p.

BROOK, I. Aesthetic appreciation of landscape. In: HOWARD, P.; THOMPSON, I.; WATERTON, E. (Org.). **The Routledge Companion to Landscape Studies**. Londres: Routledge, 2013. p. 108–118.

BRUNI, J. C. **A água e a vida**. Tempo Social, São Paulo, v. 5, n. 1–2, p. 53–65, jan.-dez. 1993.

CORBIN, A. **O território do vazio**: a praia e o imaginário ocidental. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 385p.

CRANG, M. Visual methods and methodologies. In: DELYSER, D. et al. (Org.). **The Sage Handbook of Qualitative Geography**. London: Sage Publishing, 2009. p. 208-222.

CRAWSHAW, C.; URRY, J. Tourism and the photographic eye. In: ROJEK,

C.; URRY, J. (Org.). **Touring cultures**: transformations of travel. Londres: Routledge, 1997. p. 176–196.

CROUCH, D. Introduction. In: CROUCH, D. (Org.). **Leisure/tourism geographies**: Practices and geographical knowledge. Londres: Routledge, 1999. p. 1–16.

CUNHA, N. da et al. **Visite Uruguay**: del balneário al país turístico. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2012. 320p.

DINHOPL, A.; GRETZEL, U. Selfie-taking as touristic looking. **Annals of Tourism Research**, v. 57, n. 1, p. 126–139, mar. 2016.

EDENSOR, T. Mundane mobilities, performances and spaces of tourism. **Social & Cultural Geography**, Oxfordshire, v. 8, n. 2, p. 199–215, jul. 2007.

EDENSOR, T. The more-than-visual experiences of tourism. **Tourism Geographies**, Oxfordshire, v. 20, n. 5, p. 913–915, out. 2018.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Bookman/Artmed, 2009. 405p.

FRANKLIN, A.; CRANG, M. A. The trouble with tourism and travel theory? **Tourist Studies**, v. 1, n. 1, p. 5–22, jun. 2001.

GASTAL, S. de A. **Alegorias urbanas**: O passado como subterfúgio – Tempo, espaço e visualidade na pós-modernidade. Campinas: Papirus, 2006. 224p.

GASTAL, S. de A. Imagem, Paisagem e Turismo: A construção do olhar romântico. **Pasos, El Sauzal**, v. 11, n. 3, p. 123–133, jul.-set.2013.

GASTAL, S. de A.; CASTROGIOVANNI, A. C. Fronteiras e turismo: Tencionando conceitos. In: **SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL** - Semintur, 4., 2006, Caxias do Sul. Anais... Caxias do Sul: UCS, 2006. p. 1-15.

GOMES, P. da C. **O lugar do olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 319p.

HALL, C. M.; HÄRKÖNEN, T. (Org.). **Lake tourism**: an introduction to lacustrine tourism systems. Buffalo: Channel View Publications, 2006. 235p.

HALL, C. M.; VALENTIN, A. Content analysis. In: RITCHIE, B. M.; BURNS, P.; PALMER, C. (Org.). **Tourism research methods**: integrating theory with practice. Oxfordshire: Cabi Publishing, 2005. p. 191–210.

JACOBSEN, J. K. S. Use of landscape perception methods in tourism studies: a review of photo-based research approaches. **Tourism**

**Geographies**, Oxfordshire, v. 9, n. 3, p. 234–253, jul. 2007.

KIRILLOVA, K. et al., What makes a destination beautiful? Dimensions of tourist aesthetic judgment. **Tourism Management**, Amsterdã, vol. 42, n. p. 282-293, jun. 2014.

KNUDSEN, D. C.; METRO-ROLAND, M. M.; RICKLY-BOYD, J. M. Tourism, aesthetics, and touristic judgment. **Tourism Review**, Bingley, v. 19, n. 4, p. 179–191, dez. 2015.

KNUDSEN, D. C.; RICKLY-BOYD, J. M.; METRO-ROLAND, M. M. Landscape perspectives on tourism geographies. In: WILSON, J. (Org.). **The Routledge Handbook of Tourism Geographies**. Londres: Routledge, 2012. p. 201–207.

KONU, H.; TUOHINO, A.; KOMPPULA, R. Lake wellness – A practical example of a new service development (NSD) concept in tourism industries. **Journal of Vacation Marketing**, Londres, v. 16, n. 2, p. 125–139, abr. 2010.

KUNZ, J. G. Geografias culturais do Turismo/Lazer: lições de David Crouch. **Turismo & Sociedade**, v. 14, n. 2, p. 63-80, maio-ago. 2021a.

KUNZ, J. G. **Paisagens e turismo na-da Lagoa Mirim**: Complexus de práticas e significados. 2021. 380f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021b.

KUNZ, J. G.; CASTROGIOVANNI, A. C. Concepções de paisagem em estudos de imagem de destinos: uma revisão desde a Geografia Humanista-Cultural. **Marketing & Tourism Review**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 1–42, jan.-jul.2020a.

KUNZ, J. G.; CASTROGIOVANNI, A. C. Lagoa Mirim (Brasil/Uruguai): Três versões turísticas de uma paisagem. **Relacult**, Foz do Iguaçu, v. 6, n. 3, p. 1–24, mar. 2020b.

KUNZ, J. G.; CASTROGIOVANNI, A. C. Turismo e paisagens lacustres: uma análise estética de fotografias da Lagoa Mirim (Brasil/Uruguai). **Turismo: Visão e Ação**, Balneário Camboriú, v. 22, n. 3, p. 508–532, set.-dez. 2020c.

KUNZ, J. G.; PIMENTEL, M. R.; CASTROGIOVANNI, A. C. Paisagens turísticas: entre os paradigmas do olhar e o da performance. In: **SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO – ANPTUR**, 16., 2019, Curitiba. Anais... São Paulo: Anptur, 2019. p. 1.

KUNZ, J. G.; PIMENTEL, M. R.; TOSTA, E. Mobilidades turísticas:

cruzando os limites das fronteiras. In: **SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO – ANPTUR**, 11., 2014, Fortaleza. Anais... São Paulo: Aleph, 2014. p. 1-18.

LARSEN, J. Geographies of tourist photography: Choreographies and performances. In: FALKHEIMER, J.; JANSSON, A. (Org.). **Geographies of Communication: the spatial turn in media studies**. Gotemburgo: Nordicom, 2006. p. 243–261.

LARSEN, J.; URRY, J. Gazing and performing. *Environment and Planning D: Society and Space*, Londres, v. 29, n. 6, p. 1110–1125, jan. 2011.

LÖFGREN, O. **On Holiday: the history of vacationing**. Berkeley: University of California Press, 1999.

LORIMER, H. Cultural geography: the busyness of being 'more-than-representational'. *Progress in Human Geography*, Londres, v. 29, n. 1, p. 23–84, fev. 2005.

MARTINS, R. **Lagoa Mirim: uma lagoa esquecida**. Blog Territórios. Disponível na Internet. <https://territorios.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 30 dez. 2020.

MIGLIARO, A. **Por la frontera: una mirada psicosocial a los pescadores artesanales de la cuenca de la Laguna Merín en el Uruguay**. 2014. 128 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Faculdade de Psicologia, Universidade da República, Montevideu, 2014.

MINCA, C. The tourist landscape paradox. *Social & Cultural Geography*, Oxfordshire, v. 8, n. 3, p. 433–453, ago. 2007.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Trad. Eliane Lisboa. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015. 120p.

MORIN, E. **O Método**. Trad. Juremir Machado da Silva. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. 4v. 320p.

PICAZO, P.; MORENO-GIL, S. Analysis of the projected image of tourism destinations on photographs: a literature review to prepare for the future. *Journal of Vacation Marketing*, Londres, v. 25, n. 1, p. 3-24, jan. 2019.

PIMENTEL, M. R. **Cataratas do Iguaçu: experiências e registros de uma paisagem turística**. 2010. 219 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

PIMENTEL, M. R.; CASTROGIOVANNI, A. C. Geografia e Turismo: Em busca de uma interação complexa. *Rosa dos Ventos*, Caxias do Sul, v. 7, n. 3, p. 440–458, jul.-set. 2015.

POTOCKA, I. The lakescape in the eyes of a tourist. **Questiones Geographicae**, Posnânia, v. 32, n. 3, p. 85–97, jun. 2013.

RUDZEWICZ, L. **Paisagens lacustres e práticas turísticas**: “com os pés na água” ou de “costas para a água”? – O caso da Laguna dos Patos, Rio Grande do Sul, Brasil. 2018. 294 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

RUDZEWICZ, L.; CASTROGIOVANNI, A. C.; PEYRAQUE-GADEAU, V. A valorização da paisagem lacustre pelo turismo: um estudo comparativo entre a Laguna dos Patos, no Brasil, e o lago de Aiguebelette, na França. **Papers do NAEA**, Belém, v. 29, n. 3, p. 10-26, 2020.

SANCHEZ-VAZQUEZ, A. **Convite à Estética**. Trad. Gilson Soares. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. 311p.

SANTOS, J. M. F. A marcação turística do Romantismo. **Rosa dos Ventos**, Caxias do Sul, v. 9, n. 2, p. 290-301, abr.-jun. 2017.

SANTOS, T. N. A. dos; GOMES, C. L. Interfaces lazer-turismo: um estado do conhecimento. **Rosa dos Ventos**, Caxias do Sul, v. 8, n. 4, p. 419-434, out.-dez. 2016.

SCHÄFER, A. E.; LANZER, R.; PEREIRA, R. **Atlas Socioambiental Lagoas Costeiras I**. Caxias do Sul: Educs, 2009. 372p.

SERRÃO, A. V. **Pensar a paisagem**: interpelações à estética de Kant. *Estudos Kantianos*, Marília, v. 5, n. 1, p. 43–57, jul. 2017.

SHELLER, M.; URRY, J. Places to play, places in play. In: SHELLER, M.; URRY, J. (Org.). **Tourism mobilities**: places to play, places in play. Londres: Routledge, 2004. p. 1–10.

SOICA, S. Tourism as practice of making meaning. **Annals of Tourism Research**, Amsterdã, v. 61, n. 1, p. 96-110, nov. 2016.

TUAN, Y.-F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012. 342p.

URRY, J. **O olhar do turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999a. 231p.

URRY, J. Sensing leisure spaces. In: CROUCH, D. (Org.). **Leisure/tourism geographies**: practices and geographical knowledge. Londres: Routledge, 1999b. p. 34–45.

URRY, J. **Sociology beyond societies**: Mobilities for the twenty-first century. Londres: Routledge, 2000.

VALLS, J.-F. **Gestão integral de destinos turísticos sustentáveis**. Trad. Cristiano Vasques & Liana Wang. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

VIEIRA, L. de F. dos S. **A valoração da beleza cênica da paisagem do bioma pampa do Rio Grande do Sul**: Proposição conceitual e metodológica. 2014. 251 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

WYLIE, J. **Landscape**. Londres: Routledge, 2007.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início do início ao fim**. Trad. Daniel Bueno Porto Alegre: Penso, 2016. 313p.